

Alegria por contribuir para uma das obras do século

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O título Comissão de Mudança da Capital estampado numa das portas da antiga sede do governo brasileiro, no Rio de Janeiro, já chamava a atenção do funcionário público Carlos Braga, então assessor do ministro da Justiça, Marcondes Filho. “Eu sonhava em trabalhar e participar desta façanha que era a construção de Brasília”, afirma Carlos.

O curso técnico de operador quase o levou a ingressar na Companhia Siderúrgica Nacional — CSN, em Volta Redonda. Não fosse a indicação do ministro, com a ajuda do tio que também trabalhava no ministério, a epopéia da construção da nova capital e da inauguração do Senado Federal certamente não seria a mesma.

Carlos Braga foi nomeado pelo presidente provisório, José Linhares, em fins de 1954, para integrar o Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) e cuidar dos preparativos da transferência do Senado Federal. Depois disso, o pioneiro seguiu viagem rumo ao Planalto no dia 1º de abril de 1960, na companhia do colega Luiz do Nascimento Monteiro. Era o início de uma grande empreitada, marcada por muito esforço, trabalho e dedicação.

Arquivo pessoal



CARLOS BRAGA NA SALA DE DESPACHO NO PALÁCIO DA ALVORADA, EM 1959

Um ano antes, o novo morador da cidade já tinha se aventurado pelo cerrado com o amigo de longa data, o senador Benjamim Galloti (SC), a bordo de um Chevrolet Bel-Air 57, para conhecer de perto o local.

Com a autorização do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem (DNER), os dois seguiram a uma inesquecível viagem, cheia de surpresas, por quase dez dias. Saíram do Rio, passan-

do por Belo Horizonte, Três Marias, Paracatu até chegarem ao local onde seria construída a capital. “Fomos mapeando tudo e, por meio de um diário, anotamos todas as observações como a quilometragem e as condições das estradas”, detalha o pioneiro, que, ao contrário de muitos, defendia a idéia de interiorização da capital.

“Quando cheguei à altura do Gama e vi aquele céu, fiquei com-

pletamente extasiado. O céu de Brasília é ímpar”, declara. Faltando apenas 20 dias para a inauguração, trabalho não faltava para o primeiro funcionário do Senado que quase chegou à exaustão devido ao ritmo incessante. O trabalho era árduo “dada a precariedade dos meios de que dispunham para preparar o Congresso, colocando-o nas condições exigidas pelas autoridades ao ensejo do grande evento da inauguração

de Brasília”, descreve Carlos em um depoimento à imprensa.

Polivalente e sempre bem disposto, o funcionário do Senado se desdobrava entre as várias atividades no Congresso, que iam da preparação do plenário à compra dos móveis para os apartamentos dos 64 senadores. Os móveis, comprados na Cidade Livre, eram todos de armadura de ferro e fabricados pelo Liceu de Artes e Ofício de São Paulo. O funcionário recebeu um caminhão para o transporte da mobília, que foi paga com o dinheiro que ele trouxe do Rio em uma kombi. “Eram mais ou menos uns trezentos contos”, recorda.

De vez em quando e conforme a necessidade, ainda se fazia passar por mecânico ou enfermeiro. “O trabalho era intenso. Dormíamos duas ou três horas por noite. Imagine que para comprar uma caixa de fósforos tínhamos que nos deslocar até o Núcleo Bandeirante”, lembra o hóspede do Brasília Palace Hotel.

O trabalho excessivo e as dificuldades da época foram compensados pela alegria da inauguração e a satisfação de ter contribuído para a construção de uma das maiores obras do século. “Ficaram sempre estampadas em minha retina a beleza, a imponência e a suntuosidade daquele

O funcionário do Ministério da Justiça integrou o Grupo de Trabalho de Brasília. Foi o encarregado da transferência do Senado Federal para a nova capital

Arquivo pessoal



**CARLOS AGRADECE A
DEUS O PRIVILÉGIO
DE TER PODIDO
CRIAR OS FILHOS E
NETOS NA CIDADE**

ensolarado 21 de abril de 1960”, recorda o desbravador.

A apresentação do balé no Senado e os festejos da inauguração eram transmitidos para o Rio de Janeiro através de antenas parabólicas instaladas em cima de caminhões, numa época em que não existiam telefones na cidade e as correspondências do Congresso eram despachadas por malote.

Más lembranças

A construção de Brasília teve um significado especial para muitos senadores que defendiam incansavelmente, ao lado de Juscelino Kubitschek, a mudança da capital, como lembra o funcionário do Senado. “Havia uma descrença muito grande por parte da Casa e não se acreditava na capacidade de JK instalar a nova capital. Os poucos favoráveis — os da bancada de Minas e Goiás — desdobravam-se com toda a ênfase para modificar o clima de pessimismo, atestando sua confiança nos propósitos do senhor presidente da República”. A mudança da capital também era motivo de choro para os funcionários no Rio de Janeiro, que ao assistirem às primeiras transferências ficavam inconformados. Com a extinção do Grupo de Trabalho e pronto para novas incumbências, Carlos Braga se viu de frente para uma outra grande missão. Foi escalado pelo diretor-geral da Secretaria do Senado, Evandro Mendes Viana, para uma função delicada: buscar no Hotel Nacional o senador Arnon de Mello. O parlamentar estava ameaçado de morte pelo inimigo político Silvestre Péricles, que prometeu matá-lo no dia de sua posse. O mineiro de Conselheiro Lafaiete não hesitou: “você sabe

“
**“FICARAM SEMPRE
ESTAMPADAS EM
MINHA RETINA A
BELEZA, A
IMPONÊNCIA E A
SUNTUOSIDADE
DAQUELE
ENSOLARADO 21
DE ABRIL DE 1960**
”

que a palavra ‘não’ não existe em meu dicionário. Só preciso de um carro e um motorista”.

Meses depois da posse de Arnon de Mello, o funcionário do Senado presenciava as cenas mais tristes de sua vida: violentos discursos de um contra o outro e os três disparos da arma do senador Péricles em direção ao inimigo. “O tumulto foi geral não só entre os parlamentares, mas também na tribuna de honra”, conta. Os tiros não acertaram o senador Arnon e sim José Kairala. Inconformado com a atitude e o comportamento de Silvestre Péricles, que “não levava muito a sério o regimento do Senado”, a amizade e a consideração pelo pai do ex-presidente Collor de Mello levariam o pioneiro a gerenciar as obras da Casa da Dinda no mesmo ano de 1963.

Ex-constituente, Carlos Braga ainda desempenhou várias funções na Casa até se aposentar em

1975. Seu último trabalho foi ao lado do senador José Sarney, “um insigne homem público, famoso por sua generosidade, que me acolheu e onde permaneci até que a aposentadoria por tempo de serviço viesse me atingir”. A generosidade é uma das virtudes deste pioneiro que dedica boa parte do seu tempo às obras assistenciais do Centro Espírita Paulo de Tarso, no Lago Norte. “Brasília para mim é tudo. Aqui eu consegui a primeira casa, na 707 Sul — no Rio ele morava de aluguel —, criei meus filhos e netos”, afirma o pioneiro.

“Agradeço a Deus e a Juscelino Kubitschek a primazia e a felicidade de viver, criar minha família e meus netos candangos nesta paradisíaca e planaltínica cidade. Sua lembrança e imagem ficarão sempre incrustadas na alma e no coração desta cidade, que foi tão bem cognominada de Capital da Esperança”, acrescenta.

Raio X

Nome:

Carlos Braga

Idade:

77 anos

Origem:

Conselheiro Lafaiete,
Minas Gerais

**Ano de chegada a
Brasília:**

1959

Profissão:

Funcionário público
aposentado

Esposa:

Leny da Fonseca Braga

Filhos:

Carlos, Sérgio, Márcia,
Valéria, Solange, André,
Ana Luíza e Alan

Netos:

Rodrigo, Roberto,
Ricardo, Rafael,
Gabriela, Fábio, Felipe,
Júlia, Gustavo, Vinícius,
Débora, Lucas e
Cristiano

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavacatti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL